opusdei.org

Trabalho e contemplação

Ser contemplativos é desfrutar do olhar de Deus. Por isso, quem se sabe acompanhado por Ele durante o dia, vê com outros olhos as ocupações nas quais está empenhado. Texto editorial sobre o trabalho.

14/07/2010

Gostaria que hoje, na nossa meditação, nos persuadíssemos definitivamente da necessidade de nos dispormos a ser almas contemplativas, no meio da rua, do

trabalho, mantendo com o nosso Deus um diálogo contínuo, que não deve decair ao longo do dia. Se pretendermos seguir lealmente os passos do Mestre, esse é o único caminho.*[1]*

Para aqueles que são chamados por Deus a santificar-se no meio do mundo, converter o trabalho em oração e ter alma contemplativa, é *o único caminho*, porque **ou sabemos encontrar o Senhor em nossa vida ordinária, ou nunca O encontraremos**[2].

Convém que meditemos bem devagar sobre este ensinamento capital de São Josemaria. Neste texto, consideraremos o que é a contemplação; em outras ocasiões deter-nos-emos no aprofundamento da vida contemplativa no trabalho e nas atividades da vida ordinária.

COMO EM NAZARÉ, COMO OS PRIMEIROS CRISTÃOS

A descoberta de Deus na atividade habitual de cada dia dá aos próprios afazeres seu valor último e sua plenitude de sentido. A vida oculta de Jesus em Nazaré, os **anos intensos de trabalho e de oração, nos quais Jesus Cristo levou uma vida comum — como a nossa, se o quisermos —, divina e humana ao mesmo tempo**[3], mostram que a atividade profissional, a atenção dedicada à família e as relações sociais não são obstáculo para *orar sempre*[4], mas ocasião e meio para uma vida intensa de intimidade com Deus, até que chega um momento em que é impossível estabelecer uma diferença entre trabalho e contemplação.

Por esse caminho de contemplação na vida ordinária, seguindo as pegadas do Mestre, decorreu a vida dos primeiros cristãos: «quando passeia, conversa, descansa, trabalha ou lê, o crente ora»[5], escrevia um

autor do século II. Anos mais tarde, São Gregório Magno testemunha, como um ideal tornado realidade em numerosos fiéis, que «a graça da contemplação não se dá sim aos grandes e não aos pequenos; mas muitos grandes a recebem, e também muitos pequenos; e tanto entre os que vivem retirados como entre pessoas casadas. Portanto, se não há estado algum entre os fiéis que fique excluído da graça da contemplação, aquele que guarda interiormente o coração pode ser ilustrado com essa graça»[6].

O Magistério da Igreja, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, recordou muitas vezes esta doutrina, tão importante para os que têm a missão de levar Cristo a todas as partes e transformar o mundo com o espírito cristão. «As atividades diárias apresentam-se como um precioso meio de união com Cristo, podendo converter-se em matéria de

santificação, terreno de exercício das virtudes, diálogo de amor que se realiza nas obras. O espírito de oração transforma o trabalho e assim torna-se possível estar em contemplação de Deus ainda que permanecendo nas ocupações mais variadas»[7].

A CONTEMPLAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS

Ensina o Catecismo que «a contemplação de Deus na Sua glória celestial é chamada pela Igreja "visão beatífica"»[8]. Desta contemplação plena de Deus, própria do Céu, podemos ter uma certa antecipação nesta terra, um princípio imperfeito [9] que, embora seja de ordem diversa da visão, é já uma verdadeira contemplação de Deus, assim como a graça, embora sendo de ordem distinta da glória, é, não obstante, uma verdadeira participação na natureza divina. *Agora vemos como*

num espelho, obscuramente; depois veremos cara a cara. Agora conheço de modo imperfeito, depois conhecerei como sou conhecido [10], escreve São Paulo.

Essa contemplação de Deus *como num espelho*, durante a vida presente, é possível graças às virtudes teologais, à fé e à esperança *vivas*, informadas pela caridade. A fé unida à esperança e vivificada pela caridade «faz-nos saborear antecipadamente o gozo e a luz da visão beatífica, fim de nosso caminhar aqui em baixo»[11].

A contemplação é um conhecimento amoroso e gozoso de Deus e de seus desígnios manifestados nas criaturas, na Revelação sobrenatural e plenamente na Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, nosso Senhor. «Ciência de amor»[12], chama-a São João da Cruz. A contemplação é um conhecimento

total da verdade, alcançado não por um processo de raciocínio, mas por uma intensa caridade[13].

A oração mental é um diálogo com Deus. **Escreveste-me: "Orar é falar com Deus. Mas, de quê?" — De quê? D´Ele e de ti: alegrias, tristezas, êxitos e fracassos, ambições nobres, preocupações diárias..., fraquezas!: e ações de graças e pedidos: e Amor e desagravo. Em duas palavras: conhecê-Lo e conhecer-te: "relacionar-se!"**[14]. Na vida espiritual, este relacionamento com Deus tende a simplificar-se à medida que aumenta o amor filial, cheio de confiança. Sucede então que, com frequência, já não são necessárias as palavras para orar, nem as exteriores nem as interiores. **Sobram as palavras, porque a língua não consegue expressar-se; já o entendimento se aquieta. Não se raciocina, olha-se!**[15].

Isto é a contemplação, um modo de orar ativo mas sem palavras, intenso e sereno, profundo e simples. Um dom que Deus concede aos que o buscam com sinceridade, aos que põem toda a alma no cumprimento de Sua Vontade, com obras, e procuram mover-se na sua presença. **Primeiro uma jaculatória, e depois outra, e outra..., até que parece insuficiente esse fervor, porque as palavras resultam pobres...: e dá-se passagem à intimidade divina, num olhar para Deus sem descanso e sem cansaço**[16]. Isto pode suceder, como ensina São Josemaria, não só nos tempos dedicados expressamente à oração, mas também **enquanto realizamos com a maior perfeição possível, dentro de nossos erros e limitações, as tarefas próprias de nossa condição e de nosso ofício**[17].

SOB A ACÃO DO ESPÍRITO SANTO

O Pai, o Filho e o Espírito Santo habitam na alma em graça[18]: somos templos de Deus[19]. As palavras não chegam para expressar a riqueza do mistério da Vida da Santíssima Trindade em nós: o Pai que gera eternamente o Filho, e que com o Filho expira ao Espírito Santo, vínculo de Amor subsistente. Pela graça de Deus, tomamos parte dessa Vida como filhos. O Paráclito une-nos ao Filho, que assumiu a natureza humana para nos fazer participantes da natureza divina: *ao chegar a plenitude dos tempos, enviou Deus a seu Filho, nascido de mulher (...) a fim de que recebêssemos a adoção de filhos. E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: «¡Abba, Pai!»*[20]. E nesta união com o Filho não estamos sós, mas formamos um corpo, o Corpo místico de Cristo, ao qual todos os homens estão chamados a incorporar-se como membros vivos e a ser, como os

apóstolos, instrumentos para atrair a outros, participando no sacerdócio de Cristo[21].

A vida contemplativa é a vida própria dos filhos de Deus, vida de intimidade com as Pessoas Divinas e transbordante de afã apostólico. O Paráclito infunde em nós a caridade que nos permite alcançar um conhecimento de Deus que sem a caridade é impossível, pois o*que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor*[22]. Quem mais O ama melhor O conhece, já que esse amor —a caridade sobrenatural— é uma participação na infinita caridade que é o Espírito Santo[23], *que tudo perscruta, até as profundezas de Deus. Pois quem sabe o que existe no homem, senão o espírito do homem que está nele? Assim também, as coisas de Deus ninguém as conheceu se não o próprio Espírito de Deus*[24].

Esse Amor, com maiúscula, instaura na vida da alma uma estreita familiaridade com as Pessoas Divinas, e um entendimento de Deus mais agudo, mais rápido, certeiro e espontâneo, em profunda sintonia com o Coração de Cristo[25]. Também no plano humano, os que se amam compreendem-se com mais facilidade e por isso São Josemaria recorre a essa experiência para transmitir de algum modo o que é a contemplação de Deus; por exemplo, dizia que em sua terra, às vezes, se dizia: olha como o contempla!; e explicava como esse modo de dizer se referia a uma mãe que tinha seu filho nos braços, a um noivo que contemplava sua noiva, à mulher que velava a cabeceira do marido. Pois bem, assim devemos contemplar ao Senhor.

Mas toda a realidade humana, por mais formosa que seja, transforma-se em uma sombra da contemplação

que Deus concede às almas fiéis. Se a caridade sobrenatural supera em altura, em qualidade e em força qualquer amor simplesmente humano, que dizer dos dons do Espírito Santo, que nos permitem deixar-nos conduzir docilmente por Ele? Com o crescimento destes dons - Sabedoria, Entendimento, Conselho, Fortaleza, Ciência, Piedade e Temor Filial—, cresce a *co-naturalidade* ou a familiaridade com Deus e se revela todo o colorido da vida contemplativa.

Em especial, pelo dom da Sabedoria - o primeiro e maior dos dons do Espírito Santo[26]—, é-nos concedido não só conhecer e assentir às verdades reveladas acerca de Deus e das criaturas, como é próprio da fé, mas também saborear essas verdades, conhecê-las com «um certo sabor de Deus»[27]. A Sabedoria - *sapientia* - é uma *sapida scientia*: uma ciência que se saboreia. Graças

a este dom não só se crê no Amor de Deus, mas também se *sabe* de um modo novo[28]. É um saber ao qual só se chega com santidade: e há almas obscuras, ignoradas, profundamente humildes, sacrificadas, santas, com um sentido sobrenatural maravilhoso: ***Eu Te glorifico, Pai, Senhor do Céu e da terra, porque escondestes estas coisas aos sábios e aos prudentes, e as revelastes aos pequeninos***[29]. Com o dom da Sabedoria, a vida contemplativa introduz-se nas *profundezas de Deus*[30]. Neste sentido, São Josemaria nos convida a meditar sobre **um texto de São Paulo, no qual nos propõe todo um programa de vida contemplativa — conhecimento e amor, oração e vida— (...):** ***que Cristo habite pela fé nos vossos corações; e que arraigados e cimentados na caridade, possais compreender com todos os santos qual é a largura e a grandeza, a altura e a***

***profundidade do mistério; e conhecer também aquele amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento para que vós estejais repletos de toda a plenitude de Deus* (*Ef* 3,17-19)**[31].

Temos de implorar ao Espírito Santo o dom de Sabedoria junto com os restantes dons, seu séquito inseparável. São os presentes do Amor divino, as joias que o Paráclito entrega aos que querem amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças.

PELO CAMINHO DA CONTEMPLAÇÃO

Quanto maior for a caridade, mais intensa é a familiaridade com Deus, na qual surge a contemplação.Até a caridade mais fraca, como a de quem se limita a não pecar gravemente, mas que não busca cumprir em tudo a Vontade de Deus, estabelece uma certa conformidade com a Vontade

divina. No entanto, um amor que não busca amar mais, que não tem o fervor da piedade, parece-se mais com a cortesia formal de um estranho do que com o afeto de um filho. Quem se conformasse com isso em sua relação com Deus não passaria de um conhecimento das verdades reveladas, insípido e passageiro, *porque quem se contenta com ouvir a palavra, sem a pôr em prática, é semelhante a um homem que contempla a figura de seu rosto no espelho: olha-se, vai embora e imediatamente se esquece de como era*[32].

Muito diferente é o caso de quem deseja sinceramente identificar em tudo sua vontade com a Vontade de Deus e, com a ajuda da graça, emprega os meios: a oração mental e vocal, a participação nos Sacramentos - a Confissão frequente e a Eucaristia -, o trabalho e o cumprimento fiel dos próprios

deveres, a procura da presença de Deus ao longo do dia: o cuidado do plano de vida espiritual junto com uma intensa formação cristã.

O ambiente atual da sociedade conduz muitos a viverem voltados para o exterior, com uma permanente ânsia de possuir isto ou aquilo, de ir daqui para ali, de olhar e ver, de mover-se, de distrair-se com futilidades, talvez com o objetivo de esquecer seu vazio interior, a perda do sentido transcendente da vida humana. Àqueles que, como nós, descobrimos o chamado divino à santidade e ao apostolado, deve suceder o contrário. Quanto mais atividade exterior, mais vida para dentro, mais recolhimento interior, procurando o diálogo com Deus presente na alma em graça e mortificando os afãs d*a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida*[33]. Para contemplar a Deus

é preciso limpar o coração. *Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus*[34].

Peçamos à Nossa Mãe Santa Maria que nos obtenha do Espírito Santo o dom de sermos contemplativos no meio do mundo, dom que excedeu na sua vida santíssima.

Texto de: J. López. [1] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 238.

[2] São Josemaria, *Conversações*, n. 114.

[3] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 56.

[4] *Lc* 18, 1.

[5] Clemente de Alexandría, *Stromata*, 7, 7.

[6] São Gregório Magno, *In Ezechielem homiliae*, 2, 5, 19.

[7] João Paulo II, *Discurso ao Congresso «A grandeza da vida ordinária», no centenário do nascimento de São Josemaria*, 12-I-2002, n. 2.

[8] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1028.

[9] Cfr. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 12, a. 2, c; e II-II, q. 4, a.1; q. 180, a. 5, c.

[10] *1 Cor* 12, 12. Cfr. *2 Cor* 5, 7; *1 Jn* 3, 2.

[11] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 163.

[12] São João da Cruz, *Noite escura*, liv. 2, cap. 18, n. 5.

[13] Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 180, a. 1, c e a.3, ad 1.

[14] São Josemaria, *Caminho*, n. 91.

[15] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 307.

[16] São Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 296.

[17] *Idem*.

[18] Cfr. *Jo* 14, 23.

[19] Cfr. *1 Cor* 3, 16; *2 Cor* 6, 16.

[20] *Gal* 4, 4-6.

[21] Cfr. *1 Cor* 12, 12-13, 27; *Ef* 2, 19-22; 4, 4.

[22] *1 Jo* 4, 9.

[23] Cfr. Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 24, a. 7, c. *In Epist. ad Rom.*, c. 5, lect. 1.

[24] *1 Cor* 2, 10-11.

[25] Cfr. *Mt* 11, 27.

[26] Cfr. João Paulo II, *Alocução* 9-04-1989.

[27] Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae* II-II, q. 45, a. 2, ad 1.

[28] Cfr. *Rm* 8, 5.

[29] *Mt* 11, 25.

[30] *1 Cor* 1, 10.

[31] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 163.

[32] *St* 1, 23-24.

[33] *1 Jo* 2, 16.

[34] *Mt* 5, 8.

pdf | Documento gerado automaticamente de https://opusdei.org/pt-br/article/trabalho-trabalho-e-contemplacao/ (13/12/2025)